

Jogo de palavras levado ao pé da letra

BRASÍLIA — A história recente da negociação da dívida externa brasileira está repleta de desencontros e desacertos entre o Governo e os credores privados e oficiais do País. Mas rica de frases e declarações enáticas de lado a lado, ao longo de pouco mais de três anos de vida da Nova República. Algumas dessas frases estão reproduzidas a seguir:

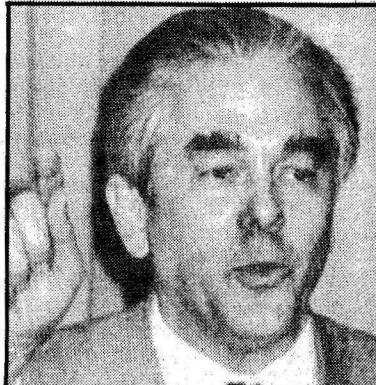
— **Foi uma grande vitória** — Dílson Funaro, então Ministro da Fazenda, em 18/1/86, logo depois de acertada a prorrogação dos créditos brasileiros de curto prazo e reescalados os pagamentos de 1985 e 1986 sem a formalização de um acordo do País com o FMI.

— **O Brasil mostrou em Nova York que é um parceiro que conversa de igual para igual** — Fernando Bracher, então Presidente do Banco Central, em 10/3/86, depois da conclusão do mesmo acerto com os credores a que se referiu Funaro.

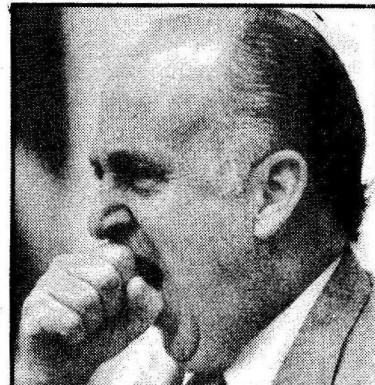
— **O Brasil não pode continuar remetendo ao exterior o equivalente a 4% de seu PIB para cumprir o serviço da dívida** — Dílson Funaro, Ministro da Fazenda (27/5/86).

— **Vamos pagar só o que puderemos. Quem aceitar nossas condições recebe e tudo bem. Quem não aceitar, só terá de devolver o cheque** — Dílson Funaro, Ministro da Fazenda, em 10/6/86, referindo-se à resistência dos países-membros do Clube de Paris em aceitar as condições propostas pelo Brasil para um acordo.

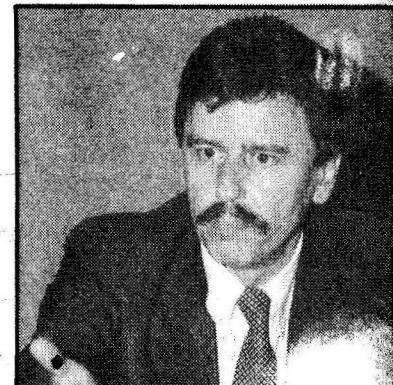
— **O Brasil tem um enorme poder de barganha de sua dívida ex-**



Bracher: Só pagamento simbólico



Bresser: Adepto de recuos táticos



Milliet: Desmentindo ida a FMI

terna que ainda não foi explorado — Paulo Nogueira Baptista Júnior, da Fundação Getúlio Vargas (12/2/87).

— **Não podemos pagar a dívida com a fome** — Presidente José Sarney, ao anunciar a declaração de moratória nos juros dos bancos credores privados (20/2/87).

— **Acho que quem gostou da nossa moratória foi só Cuba** — Francisco Gros, Presidente do Banco Central (12/3/87).

— **Não podemos aceitar as medidas de ajuste do FMI, que são favoráveis às nações credores** — Dílson Funaro, Ministro da Fazenda (11/3/87).

— **É evidente que não vamos ao FMI, não estamos sequer pensando nisso** — Fernando Milliet, Presidente do Banco Central (1/8/87).

— **Vou ficar com muita pena deles porque não receberão nada en-**

quanto mantiverem essa idéia

— Bresser Pereira, Ministro da Fazenda (3/8/87).

— **O Secretário Baker caracterizou as propostas brasileiras recentemente divulgadas para securitização da dívida como inviáveis**

— porta-voz dodo Departamento do Tesouro americano, em 8/9/87, em nota oficial após encontrar-se com Bresser Pereira.

— **Recuei um pouquinho, indiscutivelmente** — Bresser Pereira, Ministro da Fazenda, em 8/9/87 depois da da nota do governo americano.

— **Vá e faça uma nota dura, bem firme** — Presidente José Sarney, em 9/9/87, ao orientar o Ministro Bresser Pereira sob nota oficial do Ministério da Fazenda em resposta à nota do Departamento do Tesouro americano.

— **Não descartamos a hipótese do pagamento simbólico** — Fernando Bracher, negociador oficial da dívida externa brasileira (14/10/87).

— **O Brasil não vai ao FMI** — Ulysses Guimarães, depois de encontrar-se com o Ministro Bresser Pereira.

— **A negociação do Brasil com os credores é um inferno** — Bresser Pereira, Ministro da Fazenda (16/11/87).

— **O Brasil está disposto a assinar um acordo com o FMI** — Maílson da Nóbrega, Ministro da Fazenda (10/1/88).

— **A moratória da dívida externa foi o maior erro que nós já cometemos** — Presidente José Sarney (2/2/88).

— **O acordo com os credores privados está fechado** — Maílson da Nóbrega, Ministro da Fazenda (22/6/88).